

Amor malentendido, desafios na cura analítica

NatatxaCarreras

Já há alguns anos, recebemos no México um número crescente de pacientes com dificuldades para construir um sintoma analítico e, com isso, sustentar uma demanda de trabalho. Pacientes que oscilam entre a inibição e a angústia, diante da impossibilidade de elaborar afetos acompanhados por pensamentos obsessivos quase delirantes — situação que nos convocou no GRITA a nos perguntar: como trabalhar com esses pacientes que denominamos da clínica do extremo? E quais desafios nos revela esse trabalho em direção à cura?

Diante disso, como fazer com que o sintoma volte a ter seu caráter de alteridade, conduzindo o analisante ao enigma, para que ele reconheça que o que diz não tem um único sentido? Como potencializar o movimento levógiro do nó — necessário para a ação analítica — frente ao movimento destrógiro, que nos mostra a resistência dos traços de caráter nesses pacientes?

Compreendemos essa oscilação entre a inibição e a angústia a partir do que Lacan sustenta no seminário *A Angústia*, onde o sujeito inibido, para chegar à angústia, precisa passar pelo sintoma. No entanto, como se trata de pacientes nos quais predominam o *acting out* e a passagem ao ato, o sintoma não pode ser tocado, pois se encontra no museu. Isso não quer dizer que não haja desejo na inibição, mas sim que implica em um outro desejo, afastado do desejo próprio, efeito de uma função do eu, na medida em que a inibição se produz sobre um resto de libido que toca a pulsão que está marcada por outro desejo. Com isso, manifestam uma angústia avassaladora — pré-castratória —, em resposta ao fato de que esses pacientes estão tomados, em seu desejo, pelo desejo do Outro: uma fixação ao desejo, como um desejo único ao desejo do Outro.

Buscando algumas luzes sobre esses questionamentos, quero compartilhar a seguinte vinheta clínica. Irene e Bernardo — um casal — vêm para uma consulta comigo. Como resultado da primeira entrevista, decido atender apenas Irene naquele momento. Desde que soube que seu marido havia sido infiel, Irene passou os últimos quatro anos vigiando-o; eles discutem todos os dias. Quando Bernardo lhe pede que pare, ela tenta segurá-lo, se coloca na frente dele, o abraça, tenta beijá-lo e, se não consegue, ameaça se matar com uma pistola. Aparecem duas certezas que atormentam Irene: a de que seu companheiro tem amantes e a de que vai deixá-la.

Nos servimos dos movimentos do nó borromeano proposto por Lacan para pensar o avanço na análise de Irene. O movimento do nó borromeano em direção levógira corresponde à ação analítica em direção ao enigma. Se o imaginário — que tem consistência — vai em direção ao real, constitui aquilo que ex-siste, promove uma

mudança de sentido. Isso implica articular-se com um simbólico que não é repetente, podendo assim produzir um significante novo, revelando um impossível — algo que não pode ser completamente dito.

Podemos apontar que o discurso de Irene, em sua busca por comprovar suas certezas, nos mostra um movimento destrógiro, do imaginário em direção ao simbólico, em que o imaginário invade o campo do simbólico, tamponando o furo, saturando de sentido com um sexual impossível ignorado que gerou inibição. No entanto, o fato de haver o movimento destrógiro não significa que, simultaneamente, não ocorra também o movimento levógiro — contratempos na análise, movimentos que coexistem.

Depois de algumas voltas no percurso analítico de Irene, nas quais qualquer intervenção era recomposta com o intuito de me demonstrar que, em todas as suas investigações, seu marido mentia e sua desconfiança era justificada — consigo localizar algumas intervenções que a comoveram e que permitiram o surgimento de algo da ordem do enigma, algo da ordem da causa, do operar do amor em seu mal-entendido estrutural que sustenta o desejo. “Se você pode contratar um detetive para confirmar se Bernardo está te traindo, por que é você a vigilante?”, “Parece que essa questão da vigilância implica o desejo de destruir sua relação com Bernardo”, “parece que, nesse querer saber, há algo que você não quer reconhecer.” Consideramos que o movimento levógiro do nó — do simbólico em direção ao imaginário — consegue abalar as certezas de Irene, abertura do sentido inibitório que possibilita o acesso ao ciframento.

Por outro lado, podemos pensar nas três intervenções que surgem no discurso de Irene como três pontas do fantasma que, ao mesmo tempo, são paradoxais, na medida em que, a partir da abstinência do analista — que não possui um único sentido — produzem furos nas identificações coaguladas. Nessas três intervenções, colocam-se três caminhos que, ao se articularem, geram um paradoxo. Intervenções que aludem a um saber não sabido, possibilitando que aí se possam desdobrar outros gozos para além do gozo fálico-semântico. A partir da abstenção do analista, Irene se confronta com o enigma que a habita, o que potencializa o movimento levógiro do nó, direção da cura em torno do esvaziamento de sentido dado pelos ditos. Ponto do corte moebiano, onde as letras que se embaraçam no sintoma devem ser postas a girar fora do bom sentido, produzindo assim uma mudança de sentido que se opõe a seguir os efeitos da linguagem estabelecida pela estrutura do dito, orientando-se não pelo que é dito, mas pelas ressonâncias no corpo falante, que só se reproduzem pelo mal-entendido dos gozos — uma orientação pelo Real e não em direção ao Real.

Dessa forma, podemos localizar um primeiro ato na análise de Irene, quando se estabelece, a partir da primeira entrevista, que ela e o marido não poderiam mais comparecer juntos. Corte de diferença que limitou um gozo parasitário no qual ambos

estavam enredados. Tê-los visto juntos implicava que o analista ficasse envolvido no enredo da cena que vinham encenar, copulando, a partir de seu fantasma, com o fantasma deles.

Copulação que podemos entender em um momento da análise de Irene, quando Bernardo me solicita que também o atenda individualmente em análise, já que a situação em seu matrimônio era insustentável. A partir daí, Irene tenta indagar o que se passava nas sessões do marido. A partir da abstinência do analista, não há resposta às suas perguntas, mas um dia, ao finalizar uma sessão de Irene, ela me perguntou em que dia eu veria Bernardo; pergunta à qual respondi. Podemos pensar isso como uma passagem ao ato do analista, em que me vi capturada em seu gozo vigilante, copulando meu fantasma com o de minha analisante. Daí a importância de deslocar as significações que parecem únicas — sentidos coagulados e fechados — rumo à criação do enigma, que, justamente por não se terminar de entender, se transfere para uma pergunta, gerando movimento na análise, com o que o gozo pode se pluralizar.

A última sessão que tenho com Irene, antes de finalizar esta apresentação, é depois que seu marido sai de casa — situação que podemos localizar como um ato analítico, produzido na análise de Bernardo. Irene, pela primeira vez, fala da responsabilidade que teve para que seu marido fosse embora. Uma torção em sua análise, que deu lugar para que Irene se perguntasse: “Por que eu não conseguia parar?” Finalmente, aparece algo da transferência, do “eu sei” para o “tu sabes”.

Ao contrário das sessões anteriores, aparece um significante que possibilita o desdobramento de outro gozo: “ficar de fora” do marido e das atividades dos filhos. Nesse ponto, lembro à ela que também ficou de fora do negócio da mãe — herança deixada pelo pai ao morrer e que agora é administrada pelas irmãs. Isso possibilitou que associasse sobre a sua infância e adolescência, nas quais havia sido completamente dependente da mãe até se casar com Bernardo. Pergunto se as supostas amantes do marido, sobre as quais ela tanto queria investigar, teriam algo a ver com suas irmãs — intervenção que a surpreende. Vemos, nesse pequeno recorte, o desdobramento de outro gozo: o gozo com a mãe, o que permitiu começar a desfazer a rigidez com relação ao anterior, à medida em que quase toda essa sessão foi dedicada a falar dos pais e das irmãs. Considero que se produziu um novo enigma ao final da sessão: como aprender a viver sozinha? Descolada do seio da mãe e do seio de Bernardo.

Podemos ir concluindo que o ponto central de uma análise é sustentar que não há outro trauma de nascimento senão aquele que fala pelo ser; esse mal-entendido dos gozos é o que faz do amor a potência do ser que fala. Lacan é claro em sua intervenção *Palavras sobre a histeria* (1977), onde aponta que a prática do analista, ao partir do vazio de sentido, faz com que surjam palavras que surpreendem, sem saber o

que dizem, anotando que: "Isso é muito mais importante do que saber o que o inconsciente quer dizer ou não quer dizer", estruturado como uma linguagem, pois o inconsciente também é corpo dado pelas palavras que você não sabe o que eles dizem, das quais nada se entende. Sendo assim, o ato analítico implica em esvaziar de sentido, do paradoxal, do amor como impossível.